

Os desafios da interpretação bíblica num mundo em constante transformação

Joelson Erbert Martins¹
Celso Gabatz²
Wilhelm Wachholz³

Resumo

A interpretação bíblica tem um papel central na tradição cristã. A ação interpretativa determina o testemunho e a maneira como a Igreja cristã interage no mundo. O objetivo deste artigo é apresentar uma descrição histórica acerca do desenvolvimento da interpretação bíblica num mundo em constante transformação. A abordagem foi desenvolvida com a consulta de documentos, livros e artigos que tratam do tema da hermenêutica bíblico-teológica em diferentes momentos da história da Igreja cristã, destacando aspectos relevantes para a reflexão sobre interpretação bíblica e os impactos para a relação da Igreja com o seu tempo e contexto. Esta análise busca identificar como questões culturais, sociais, científicas e filosóficas influenciam o modo como a Igreja lê e interpreta a Escritura. A reflexão e o desenvolvimento de métodos de interpretação bíblica ganham relevância e recebem atenção ainda maior no âmbito teológico em meio aos desafios impostos pela modernidade e pelo cientificismo. Os resultados apontam que a partir deste contexto, a hermenêutica bíblico-teológica se ocupa, fundamentalmente, com o esforço de estabelecer a apropriada relação entre a pessoa autora, o texto bíblico e a pessoa intérprete. Entender essa relação é o desafio que se impõe à teologia e à própria Igreja cristã.

Palavras-chave: Escritura; Hermenêutica; Interpretação; Igreja; Modernidade.

1. Introdução

Em certo sentido, pode-se afirmar que a sociedade ocidental foi construída sobre os fundamentos da tradição cristã. A partir de Constantino, no século IV, o cristianismo, enquanto religião, deslocou-se da sua condição social “marginal” e periférica para um lugar de destaque e influência na construção do conhecimento, na formação cultural e social do mundo medieval ocidental. Com o advento do humanismo e da modernidade, esse cenário sofreu uma grande reviravolta. Segundo Le Goff, com a modernidade surgiu a ideologia do progresso em perspectiva antropocêntrica.⁴ Conforme Le Goff:

[...] de 1620 a 1720, aproximadamente, a ideia de progresso se afirma antes de mais nada no domínio científico; depois de 1740, o conceito de progresso tende a generalizar-se e difunde-se nos domínios da história, da filosofia e da economia política (1996, p. 245).

¹ Mestrando em Teologia no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado e Doutorado em Teologia na Faculdades EST, São Leopoldo, RS. Graduado em Teologia. Pastor da IECLB e professor visitante na FATEV-Curitiba. Bolsista da FLM (Federação Luterana Mundial). Contato: pastorjoelsonmartins@gmail.com.

² Pós-Doutorando e Professor Colaborador no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado e Doutorado em Teologia na Faculdades EST, São Leopoldo, RS. Doutor em Ciências Sociais (UNISINOS). E-mail: gabatz12@hotmail.com

³ Doutor em Teologia pelo Programa de Pós-graduação Stricto Sensu – Mestrado e Doutorado em Teologia na Faculdades EST, São Leopoldo, RS. Reitor e professor de Teologia e História na Faculdades EST. E-mail: wachholz@est.edu.br

⁴ Semelhantemente, Pannenberg argumenta que, na modernidade, “[...] el hombre ha sido erigido em portador de la historia, em lugar de Dios.” E que “[...] si hizo al hombre sustentador de la historia, en lugar de Dios”. PANNENBERG, Wolfhart. *Cuestiones fundamentales de Teología Sistemática*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1976. p. 228, 230.

Na modernidade, as ciências naturais assumiram o protagonismo, sendo reconhecidas como autoridade maior no estabelecimento e verificação das verdades admitidas, na construção do conhecimento e da compreensão da realidade. A tradição cristã e, conseqüentemente, a própria teologia, foram tratadas com suspeita e de pouca relevância para a construção do novo mundo científico. Reduzida a uma mera crença, a tradição cristã foi entendida como uma questão de foro íntimo e pessoal, sem qualquer autoridade e relevância num contexto fortemente influenciado pela razão e pelo cientificismo. Num mundo em constante transformação, a interpretação da Escritura e a busca por uma hermenêutica bíblico-teológica, que responda aos desafios do seu tempo, se tornou uma tarefa de grande importância para a teologia. De modo abrangente, percebe-se que o desenvolvimento da reflexão hermenêutica, no contexto da teologia, não se ocupou apenas com a compreensão e a interpretação dos textos bíblicos, mas procurou mediar a articulação e a relevância da própria teologia e da tradição cristã na sociedade, de modo especial, a partir da modernidade e se estendendo até os dias atuais.

O presente artigo se ocupa com uma pesquisa bibliográfica sobre a relação da interpretação bíblica e os reflexos para a atuação e o testemunho da Igreja cristã num mundo em constante processo de transformação. Num primeiro momento, a pesquisa faz uma descrição histórica do desenvolvimento da tradição cristã e a sua relação com o mundo ocidental, desde a origem do cristianismo até o período da modernidade. Num segundo momento, a pesquisa analisa a ambivalência entre tradição cristã e os postulados da modernidade. O racionalismo e a modernidade representaram um enorme desafio para a teologia, exigindo uma reflexão profunda sobre a tarefa da interpretação bíblica e a necessidade de se elaborar novos métodos hermenêuticos que ajudassem a teologia a reencontrar o seu espaço e relevância na construção do conhecimento e compreensão da realidade, permitindo que a Igreja cristã⁵ tivesse articulação propositiva em seu testemunho e atuação, frente aos desafios que o mundo e a cultura lhe impõem. Temos consciência que não pode conceber nem a história nem a história da teologia numa perspectiva de linearidade. Isso, não por fim, implica em também considerar que a Igreja não pode ser concebida como

⁵ A definição de Igreja cristã é ampla e complexa no campo da teologia e das tradições cristãs. As questões culturais e dogmáticas de cada tradição influenciam a compreensão de igreja e oferecem diferentes possibilidades de conceituação. Conscientes dessa dificuldade, partimos da compreensão de Igreja cristã não como uma instituição, mas pessoas de diferentes tradições que compartilham a mesma fé, fundamentada a partir credos ecumênicos. “A Igreja é constituída pela atividade de proclamar e corporificar as intenções redentoras do Deus Uno em todos os lugares e tempos, atingindo todas as espécies e condições humanas” (HEFNER, 1995, 213).

única detentora da leitura autorizada sobre a Bíblia. As releituras de contestadores como João Wyclif, João Huss, Martinho Lutero são só alguns exemplos de leituras “desautorizadas” da Bíblia. O rico âmbito da espiritualidade, da mística, da religiosidade popular, dos sincretismos, do mágico podem igualmente ser exemplos da criativa leitura desautorizadas da Bíblia. Temos, portanto, consciência de que nossa abordagem não alcança as fronteiras das leituras desautorizadas pela Igreja, nem mesmo tem pretensão de exaurir nem mesmos todos os principais problemas que a própria ciência hermenêutica bíblica sucinta.

2. A hermenêutica em um mundo em constante transformação

A tradição cristã surge e se desenvolve a partir da interação com os textos bíblicos e da interpretação que ela faz dos mesmos. É por meio do exercício permanente da interpretação e compreensão da Escritura que a tradição cristã estrutura suas crenças, determina seus valores, a sua compreensão e relação com o mundo ao seu redor.

2.1 As primeiras comunidades cristãs e a relação com o mundo romano

As primeiras comunidades cristãs não surgiram num vácuo histórico. Elas estavam inseridas num contexto maior, que envolvia a Palestina que, por sua vez, estava sob o domínio do Império Romano. A realidade cultural e religiosa nesse contexto era extremamente pluralista e multifacetada. Martin N. Dreher descreve esse período da seguinte maneira:

Quando os Romanos se tornaram senhores do mundo, o sincretismo passou a ter uma importância sempre crescente. Era a mistura dos cultos, resultante das mais diversas regiões do Império. Dessa mistura dos cultos surgiu uma relativa unidade das religiões pagãs, com as quais a fé cristã teve que se confrontar (1993, p.13).

Como um movimento originário dentro do judaísmo, as primeiras comunidades cristãs liam e utilizavam como Escritura os textos reconhecidos como sagrados pelos judeus (KÖRTNER, 2009, p. 122). A influência e o reconhecimento desses escritos influenciaram as comunidades cristãs a assumirem uma postura de resistência em relação ao paganismo presente no contexto romano, adotando um estilo de vida distinto da cultura dominante.

Everett Ferguson ressalta que “esses primeiros cristãos compreendiam-se como diferentes de outros na sua cultura, e viviam juntos como uma comunidade alternativa nutrida por uma história alternativa – a história da Bíblia – que era transmitida aos catecúmenos no processo de catequese” (1989 apud GOHEEN, 2014, p. 23). Por outro lado, essas comunidades cristãs se diferenciavam e se distanciavam cada vez mais do próprio judaísmo.

“A mais profunda linha divisória entre a interpretação judaica e a cristã das Escrituras é, sem dúvida, aquela demarcada pela cristologia” (KÖRTNER, 2009, p. 123). O reconhecimento da figura de Jesus de Nazaré, como o messias anunciado pelos profetas, era o fundamento de fé das primeiras comunidades cristãs. Desse modo, os textos reconhecidos como Escritura Sagrada pela tradição judaica eram lidos e interpretados a partir da pessoa e obra de Jesus Cristo. Essa maneira distintiva de interpretar o Antigo Testamento se tornou o motivo principal que levou as primeiras comunidades cristãs a serem hostilizadas e perseguidas por grupos religiosos do judaísmo.

Em relação ao Império Romano, num primeiro momento, as primeiras comunidades cristãs foram ignoradas ou toleradas. O senso comum, no contexto romano, era que se tratava de mais uma seita religiosa dentro do judaísmo. Essa convivência pacífica, entretanto, não durou muito tempo. A resistência das pessoas cristãs em se submeterem às mudanças e imposições religiosas do Império Romano, em especial a prática que promovia o culto ao imperador, logo transformou a convivência pacífica em perseguição.

Alternando períodos de forte perseguição e de relativa paz, as comunidades cristãs viviam à margem da sociedade e da cultura. Podemos afirmar que a influência cristã na sociedade romana foi subversiva. A vida “marginal” e periférica, somada às perseguições, não foram suficientes para sufocar o crescimento e o desenvolvimento dessas comunidades, que rapidamente se espalharam por boa parte do território romano. Inspiradas pelo ensino de Jesus e pela interpretação que faziam do mesmo, as comunidades cristãs assumiam um estilo de vida distinto em relação ao contexto em que estavam inseridas. A organização, o serviço de mútuo auxílio e a experiência da fé se tornavam atraentes às pessoas. Numa realidade com tantas mazelas e carência, como era a do Império Romano, a “generosidade em relação a posses e os recursos, além do modo de vida simples, marcaram a vida deles em um mundo dominado pelo acúmulo e consumo” (GOHEEN, 2014, p. 25), resultando em uma adesão cada vez maior de pessoas à fé cristã.

2.2 Da periferia para o centro

A partir de Constantino, no século IV, ocorreu uma grande mudança. A fé cristã deixou o seu lugar de religião “marginal” e perseguida para se tornar “a tábua de salvação” que ajudaria na sobrevivência e manutenção do Império. Esse movimento não significou necessariamente uma adesão absoluta à fé cristã por parte da cultura romana, mas um esforço para manter a parte do mundo, sob a influência de Roma, unida e forte, tendo uma

cosmovisão fundamentada na tradição cristã, sob a liderança de um Império e de uma Igreja (DREHER, 1993, p. 59).

As implicações desse redirecionamento conduziram a Idade Média à supremacia da tradição cristã frente às outras tradições e áreas do conhecimento. O fechamento da academia platônica de Antenas, em 529, pelo imperador cristão Justino, era um sinal dos novos tempos. A Idade Média ficaria marcada pelo confronto da filosofia e teologia contra o paganismo.

O que acontece na Idade Média não é simplesmente continuação da antiguidade, também não é meramente uma nova época na história da humanidade. Aqui há uma visão radicalmente nova. É impossível compreender qualquer autor medieval, caso não levarmos em conta que, na base de seu pensar e agir frente ao mundo e em relação a ele, existe a inabalável convicção de que na encarnação uma Verdade se tornou possível. Essa Verdade abre novas perspectivas de realidade, que não podem ser compreendidas a partir da vontade humana. Devem ser vistas a partir de Deus (DREHER, 1994, p. 8).

A igreja cristã, nesse novo cenário, se vê diante do desafio que de conciliar as diferentes culturas, o humanismo clássico grego e a própria tradição cristã. Nesse sentido, era fundamental que a igreja articulasse uma visão de mundo que promovesse o desenvolvimento do conhecimento e da cultura, de modo que pudessem ser assimiladas e compartilhadas pelas diferentes pessoas e contextos.

A igreja precisava definir o conjunto de textos considerados como Escritura Sagrada e, conseqüentemente, propor métodos de interpretação desses textos, bem como sistematizar os fundamentos elementares da fé cristã. A discussão sobre os métodos apropriados para a interpretação, compreensão e aplicação dos textos bíblicos, bem como as formulações dogmáticas, ocupariam um lugar central na reflexão teológica a partir de então. A cultura judaica e a greco-romana, que influenciaram o cristianismo nos primeiros séculos, ofereceram as primeiras ferramentas e métodos conhecidos e aplicados na reflexão teológica.

Mesmo que seja possível identificar uma diversidade de métodos de interpretação bíblica nesse período, o método de interpretação alegórico-tipológico teve prevalência. Clemente e, de modo especial, o seu discípulo Orígenes, foram os grandes incentivadores e promotores desse método. José Martinez afirma que “o método alegórico chegou a predominar de modo surpreendente ao longo da história da Igreja até a Reforma do século XVI” (MARTÍNEZ, 1984, p. 72).

[...] o método alegórico segundo praticado pelos pais da igreja muitas vezes negligenciou por completo o entendimento de um texto e desenvolveu especulações que o próprio autor nunca teria reconhecido. Uma vez abandonado o sentido que o autor tinha em mente, conforme expresso por suas próprias palavras e sintaxe, não permaneceu nenhum princípio regulador que governasse a exegese (VIRKLER, 1987, p. 43).

O método de interpretação alegórico trouxe impactos profundos para a tradição cristã e o desenvolvimento do mundo ocidental. Uma das principais críticas ao método é que ele “privou a Escritura da sua própria validade e diminuiu o seu poder de criticar as tradições da Igreja em evolução” (BRAATEN, 2002, p.86). Isso aconteceu porque, para resguardar a Escritura de possíveis abusos interpretativos e, conseqüentemente, formulações de novas heresias em razão da aplicação abusiva do método alegórico, a Igreja romana medieval, agora institucionalizada, asseverou para si o direito exclusivo e absoluto de interpretar os textos reconhecidos como Escritura. A instituição igreja seria a guardiã e detentora de toda a verdade e balizadora do conhecimento. Ela definiria, a partir da interpretação da Escritura feita pelo seu magistrado, as bases do conhecimento, da compreensão do mundo e das verdades admitidas.

Obviamente, outras formas compreensões de mundo, de interpretar a realidade e diferentes expressões religiosas continuaram existindo nesse período e influenciaram significativamente a vida das pessoas. Muitas crenças religiosas populares foram preservadas e resistiram ao domínio e à influência da Igreja. “A história religiosa do Ocidente Medieval pode ser definida como um conflito permanente entre o cristianismo oficial e a religiosidade que continuava a persistir” (FIOROT, 2016, p. 24).

Para a Igreja era essencial o combate à religiosidade, no entanto, tais crenças mantiveram-se vivas ao longo de todo o medievo, sendo necessário o desenvolvimento de algumas ações visando o enfraquecimento das práticas em questão. A fim de abarcar em seu seio aqueles que continuavam a caminhar em sentido contrário a fé, a Igreja, na Alta Idade Média, vai iniciar um confronto opondo cristianismo e paganismo, vinculando ambos a tipos de forças com poderes diferenciados (FIOROT, 2016, p. 24-25).

A Igreja romana fazia prevalecer a sua visão e compreensão de mundo, por meio do poder político e religioso, se opondo fortemente às diferentes formas de religiosidade popular. Considerava-se toda e qualquer forma de conhecimento e prática não reconhecida pela igreja oficial e pelo seu magistério como demoníaca e sem legitimidade. “Isso justifica o grande esforço da Igreja nos primeiros séculos medievais em reorganizar o clero e uniformizar o comportamento dos eclesiásticos” (FIOROT, 2016, p. 29).

2.3 O humanismo e a quebra de paradigma

Mesmo que a igreja cristã tenha tentado se firmar a partir de um sistema rigidamente estabelecido e centralizado, isso não livrou a interpretação bíblica de abusos e distorções. A própria igreja, que assumiu para a si a responsabilidade pela correta interpretação acertada, cometeu equívocos nesse sentido. Tais equívocos interpretativos da Escritura e eventuais

abusos cometidos pela igreja medieval fizeram com que pensadores e teólogos começassem a levantar críticas e questionamentos. Crescia a percepção da necessidade de reformas no ensino e prática da igreja.

A Renascença impulsionou ainda mais essa percepção. A Renascença surgiu como um movimento cultural e filosófico que marcou a retomada da valorização dos ideais do humanismo clássico, elevando a pessoa humana ao centro da compreensão e da interpretação do mundo e da realidade (LAUTER, 2014, p. 263).

A Igreja Católica romana, a sua tradição e visão de mundo foram confrontadas com outras compreensões, interpretações e fontes de autoridade e conhecimento. Lesslie Newbigin sugere que, apesar de algumas pessoas defenderem que a influência da visão cristã de mundo na sociedade europeia ocidental tenha sido anulada pelo avanço da ciência moderna, isso seria uma simplificação exagerada (NEWBIGGIN, 2016, p. 14). Antes mesmo que o Iluminismo ganhasse projeção, a Renascença já havia resgatado a visão humanista acerca da construção do conhecimento e da compreensão de mundo. Isso não significou necessariamente uma rejeição completa da tradição cristã, mas a libertação das amarras do autoritarismo e imposição da igreja medieval como única detentora do conhecimento e da verdade. Validou-se a possibilidade para novas interpretações da Escritura, novas possibilidades de construção do conhecimento, com forte ênfase no uso da razão e na liberdade do indivíduo. A própria igreja se tornou objeto de questionamentos e foi confrontada como resultado da interpretação histórica e racional da realidade.

Esse contexto propiciou o avanço e o êxito dos ideais reformatórios. Martinho Lutero, influenciado pelo seu contexto histórico e cultural, fez uso do método de interpretação e exposição da Escritura que pode ser descrito como modelo literal-histórico e filológico (BRAATEN, 2002, p. 86). Esse método não representava algo totalmente novo, mas ganhou um impulso considerável a partir de Lutero. Os impactos para a teologia e a tradição cristã foram enormes, resultando em mudanças significativas para os rumos da igreja e, conseqüentemente, do mundo ocidental.

Para Lutero, a interpretação e a compreensão da Escritura não dependiam necessariamente de intermediários, uma vez que o seu conteúdo era claro e facilmente compreendido. As partes da Escritura, de difícil compreensão, poderiam ser entendidas e interpretadas a partir da própria Escritura, pois a Escritura interpreta-se a si mesma - *claritas Scripturae* – (KAUFMANN et al., 2014, p. 272).

Vale destacar que Martinho Lutero não rejeitou completamente a tradição e todos os postulados teológicos da igreja, mas defendeu a ideia de que “a Igreja deve sujeitar-se ao

testemunho bíblico, não vice-versa” (BRAKEMEIER, 2003, p. 254). Tillich argumenta que, segundo Lutero, “[...] a Bíblia se tornava o verdadeiro princípio no domínio da autoridade” (1988, p. 254). O que está na tradição da igreja só deveria ser rejeitado se estiver em contradição com a Escritura. Os desdobramentos do posicionamento do reformador levaram à democratização da interpretação bíblica. Entretanto, faz-se necessário destacar que Lutero jamais defendeu uma leitura biblicista e fundamentalista da Escritura. Ela deve ser lida e interpretada a partir do seu conteúdo central, que é Jesus Cristo.

Isso trouxe implicações para o testemunho e a atuação cristã em relação ao seu contexto. Com o avanço das reformas religiosas e teológicas do século XVI, a tradição cristã se tornou mais heterogênea, possibilitando o surgimento de vários grupos e movimentos. A interpretação da Escritura se tornou um exercício amplamente difundido, possibilitando novas e diferentes formas de conhecimento, compreensão do mundo e da pessoa humana. Se o movimento da Reforma serviu para resgatar a centralidade da Escritura, também reforçou a visão e a compreensão humanista, que assentou os fundamentos para o surgimento do Iluminismo e do mundo Moderno.

3. A hermenêutica em face aos desafios da modernidade

A Renascença e a Reforma pavimentaram o caminho que mais tarde levaria ao Iluminismo. O Iluminismo surgiu no final do século XVII e se consolidou ao longo do século XVIII. Foi um período de grandes transformações que impactaram o campo das ciências, da cultura e da fé cristã. A iluminação racional determinaria a compreensão de todas as áreas da ciência e da vida humana. A razão se tornou a medida e o padrão que estabelece e verifica as verdades admitidas.

O racionalismo e o iluminismo dão ênfase nessa autonomia humana. O termo “autonomia” não é empregado no sentido de arbitrariedade, em que nos fazemos a nós mesmos e decidimos diante das escolhas em termos de desejos individuais ou de aspirações egoístas. O termo vem de autos e nomos (lei de si mesmo), em grego. Não quer dizer que “sou a lei para mim mesmo”, mas que a lei universal da razão, que é a própria estrutura da realidade, está em mim, dentro de mim (TILLICH, 2000, p. 284).

O desenvolvimento das ciências e o avanço das descobertas científicas ajudaram a redefinir conceitos até então inquestionáveis. A própria igreja cristã se viu diante da necessidade de reavaliar os seus conceitos. Se até então a tradição cristã exercia um papel de grande influência na construção do conhecimento, da compreensão do mundo e nas relações sociais, a partir do Iluminismo, a tradição cristã se deparou com uma força ambivalente, que

estabeleceu uma nova forma de compreender e interpretar a realidade. “A ciência possui autonomia epistemológica e com rigor metódico pode refutar a religião, pretendendo-se afirmar como instância única de verdade” (GONÇALVES, 2015, p. 197).

A cultura do Iluminismo distinguia-se por sua crescente secularização. A nova forma de ciência natural se ocupava com a explicação imanentista do mundo. A cultura secular desenvolvia-se independente de igreja e confissões. O estado, de modo similar, libertava-se de suas finalidades religiosas e de sua conexão com as confissões cristãs. O processo de secularização, contudo, não implicou na rejeição do cristianismo ou da religião, mas trouxe consigo profunda alteração dos pressupostos para a teologia e a pregação cristã (HÄGGLUND, 1999, p. 294).

Michael W. Goheen argumenta que a tradição cristã neste período é reconduzida novamente ao seu lugar de origem, deslocando-se do centro para a vida “marginal” e periférica da sociedade, a exemplo da experiência vivenciada pelas primeiras comunidades cristãs.

Como o evangelho não é acessível à comprovação por meio do método científico, sua mensagem foi basicamente relegada ao mundo inferior de simples valores privados, opiniões subjetivas e preferências pessoais. Embora qualquer pessoa possa considerar o evangelho particularmente atraente, a sua reivindicação de verdade universal não pode ser levada a sério e não deve ter lugar na formação da vida pública de uma nação (2014, p. 30).

Nesse sentido, a igreja se vê, mais uma vez, diante do desafio de encontrar o seu espaço de relevância e busca desenvolver meios assertivos para o testemunho público da fé. A teologia teve que repensar os seus métodos de interpretação da Escritura e se ocupou seriamente com as questões envolvendo a hermenêutica. Era importante reconduzir a Escritura ao seu lugar de fala e relevância na construção e formação do mundo moderno. A fé cristã foi entendida “como opção particular, ela já não mais incomoda. Foi domesticada. Será essa uma solução válida para a tensão entre o crer e o saber?” (BRAKEMEIER, 2006, p. 17).

A teologia precisou dialogar com as diferentes ciências e áreas do conhecimento, sem abdicar da sua tarefa principal, que está relacionada com o testemunho público da Escritura. Esse contato da teologia com outras ciências não significou necessariamente um movimento negativo, mas um desafio que levou a teologia a redefinir o seu lugar e repensar a sua relevância.

[...] as tensões entre fé cristã e ciência se realizam quando há pretensão de fechamento de uma instância a outra, principalmente no âmbito moderno, onde a ciência manifestou-se messianicamente como capaz de resolver os problemas todos da humanidade [...] (GONÇALVES, 2015, p. 196-197).

Na busca por superar as tensões entre fé e ciência, os métodos de interpretação bíblica receberam atenção especial na reflexão teológica. Percebeu-se a necessidade de desenvolver métodos hermenêuticos bíblico-teológicos que ajudassem a fé cristã a articular e interagir com o mundo moderno. Em certo sentido, essa reflexão trouxe benefícios para atuação cristã na sociedade moderna, pois a igreja cristã foi desafiada a sair da sua zona de conforto para redefinir a sua identidade e vocação. A hermenêutica se tornou uma ferramenta indispensável na mediação e diálogo entre fé cristã e ciência. Brakemeier corrobora com essa afirmação ao escrever que “um dos grandes obstáculos para o entendimento entre a fé e a ciência tem sido a pergunta pela interpretação correta da Sagrada Escritura” (2006, p. 15).

As diferentes propostas hermenêuticas que foram surgindo na interação com outras áreas do conhecimento e das ciências naturais e sociais, cada qual com suas ênfases e metodologias, trouxeram contribuições para o debate e a reflexão teológica. Isso se deu não somente no sentido de interpretar a Escritura, mas também no esforço por compreender a pessoa humana e a sua relação consigo mesma e com o mundo ao seu redor.

Ao considerar a perspectiva hermenêutica e a antropológica nas formulações teológicas, a teologia se sensibilizou com a realidade histórica do homem, desenvolvendo temas referentes ao ecumenismo, ao diálogo inter-religioso, a sua relação com a ciência, ao sofrimento humano e à inserção do cristianismo no mundo contemporâneo (GONÇALVES, 2015, p. 199).

Desde então, a teologia não se propõe apenas a oferecer ferramentas para a interpretação do texto, mas procura compreender a relação entre a pessoa autora, o texto bíblico e a pessoa intérprete. “O autor ‘produz’ um texto enquanto um leitor ‘estuda’ um texto. Porém, qual dos três é a força primária na determinação de seu significado?” (OSBORNE, 2009, p. 598).

Tal reflexão sobre a relação entre o texto bíblico, a pessoa autora e a pessoa leitora começou com Schleiermacher. Para Schleiermacher, a hermenêutica lida com a compreensão do texto e da intenção da pessoa autora, e tem como objeto único a linguagem. A linguagem deveria ser considerada sob duas perspectivas: a parte gramatical, ocupando-se com a sintaxe e a expressão linguística como um todo; a outra seria a técnica, ou psicológica, que representa o que a pessoa intérprete entendeu, a partir do conteúdo que a pessoa autora externou (GRONDIN, 1999, p. 126). Schleiermacher entendia que a tarefa da hermenêutica é resguardar o texto de uma má compreensão. A realidade ou a pré-compreensão da pessoa leitora deveriam manter certa distância para não prejudicar ou colocar em risco a objetividade proposta pelo método (GRONDIN, 1999, p. 127).

Outras propostas hermenêuticas que surgiram depois de Schleiermacher, intencionavam tirar a pessoa que lê o texto de uma postura de mera “passividade” para uma interação cada vez maior no processo de interpretação e compreensão.

Com base primeiro na fenomenologia e depois no estruturalismo, a ênfase mudou cada vez mais dessas possibilidades para um destaque primeiro da pré-compreensão e depois do deslocamento ontológico do significado original pelo encontro do leitor com o texto. Isso culminou na crítica resposta do leitor, em que o leitor recria seu próprio texto, e no desconstrucionismo, em que o leitor e o texto são desconstruídos na abertura resultante da “diferença” (OSBORNE, 2009, p. 628).

Essas propostas trouxeram novos desafios e possibilidades para a interpretação bíblica, levando a teologia a interagir mais com a cultura, criando uma percepção mais aguçada da realidade, dando atenção especial ao contexto.

A crítica que se faz a esses métodos é que, na busca por reafirmar a importância da pessoa intérprete no processo hermenêutico, em alguns casos, levou para o extremo de total prevalência da pessoa intérprete sobre o texto e a pessoa autora, de tal forma que a intenção do texto e da pessoa autora foram deixadas totalmente de lado. Na tentativa de superar os extremos, surgiram as posições mediadoras, com uma proposta de abordagem mais cautelosa, buscando promover uma aproximação entre texto, a pessoa autora e a pessoa intérprete.

Tais propostas não encerraram a discussão sobre interpretação bíblica. Contudo, promoveram um encontro e um diálogo construtivo entre a teologia e outras áreas do conhecimento, propiciando a aproximação entre fé cristã e ciência. “A diversidade de métodos ou abordagens é uma prova da riqueza da Bíblia e de que nenhum método é capaz de abarcar o todo da Bíblia” (KAEFER, 2014, p. 124).

A articulação entre fé cristã e ciência, onde se desenvolve o diálogo, o respeito mútuo e a corresponsabilidade, é um horizonte o qual aponta que a fé cristã sem a ciência corre o risco de perder-se em fantasias e superstições, e a ciência isenta de contribuições da fé cristã pode tornar-se instância que possibilitam mais do que contribuir com o humanum poderá limitá-lo ou degradá-lo e colocá-lo em risco de autodestruição. A fé cristã, enquanto teologia, e a ciência como expressão da razão, são como que duas instâncias que possibilita ao homem movimentar-se na direção da contemplação da verdade, histórica e escatológica que constituem o homem e o universo (GONÇALVES, 2015, p. 207).

O caminho percorrido até então, contribuiu no sentido de conferir à igreja cristã e à teologia maturidade para analisar criticamente os resultados que o cientificismo e o racionalismo produziram ao longo dos anos. As duas grandes guerras, por exemplo, foram um duro golpe na visão positivista e idealista sustentadas pelo racionalismo. “O messianismo científico contagiou a sociedade moderna e produziu um otimismo que via a história ascender gradualmente ao estágio da perfeição” (BRAKEMEIER, 2006, p. 18). Essa expectativa ficou

muito longe de se concretizar. As mazelas e a frustração com o positivismo moderno não se limitaram aos eventos das duas grandes guerras, como argumentam Michael W. Goheen e Craig G. Bartholomew:

A fé [...] iluminista tem diminuído à medida que o Ocidente começou pouco a pouco a entender estas cinco evidências de seu fracasso: (1) a pobreza, (2) degradação ambiental, (3) proliferação de armas, (4) problemas psicológicos e (5) problemas sociais e econômicos (2016, p. 159).

No contexto atual, a pós-modernidade tem contribuído para uma maior interação entre a racionalidade e a experiência religiosa. A experiência religiosa cristã e a teologia, bem como expressões religiosas, receberam novos impulsos.

Frente ao segmentarismo e racionalismo da modernidade, a pós-modernidade, nesta descrição, apresenta-se como o surgir de um novo movimento holista, no qual a razão se encontra em equilíbrio com a emocionalidade e no qual, ao lado da visão científica do mundo, abre-se um novo espaço para outras visões do mundo -como a religiosa -, não menos legítimas do que a primeira (SCHÜRGER, [s.d.], p. 32).

De acordo com Schürger, a pós-modernidade não representa uma ruptura completa com a modernidade, mas a abertura para questionamentos e formulação de novos paradigmas, saberes e possibilidades para a construção do conhecimento que vão além do método puramente racional.

[...] a desconstrução não quer simplesmente acabar com a modernidade, mas abri-la para novas pistas [...]. Destruir sim, mas apenas a uniformidade e o universalismo do pensamento moderno, além de sua tentativa de unificação dos pensamentos, da verdade, do mundo, da economia ([s.d.], p. 34).

A postura desconstrutiva da pós-modernidade lança novos desafios para a teologia e a própria hermenêutica bíblica.

O M.H.C.(Método Histórico Crítico) foi um marco na exegese bíblica. Aproximou a Bíblia e as ciências, aumentou a influência da Bíblia sobre a teologia renovando-a e melhorando o diálogo entre as ciências e a teologia, favoreceu o diálogo ecumênico, aumentou o interesse dos cristãos pela leitura bíblica etc. (KAEFER, 2014, 124).

Nesse sentido, o aspecto extremamente positivo que tanto a modernidade quanto a pós-modernidade trouxe para a teologia é a possibilidade de interlocução com outras áreas do conhecimento. A teologia precisa estar disposta a ouvir e interagir com campos das ciências naturais e humanas, a fim de ser um instrumento de valorização e de promoção da pessoa humana em meio às situações da contemporaneidade. A interpretação bíblica deve se ocupar com o seu contexto e com a realidade multicultural na qual está inserida.

[...] toda teologia é contextual, na medida em que pode ser remetida a um contexto que lhe é próprio. Mesmo aquelas que hoje são consideradas perenes ou universais, apenas o são porque alcançaram tal divulgação e penetração que se impuseram em toda parte onde a fé cristã é refletida e vivida por igrejas locais. E isto se deve à capacidade que elas possuem de, em alguma medida, responder às questões fundamentais destas comunidades. Contudo, elas são continuamente julgadas pela capacidade de continuar a responder às novas questões. Quando elas não correspondem mais, surge a necessidade de ajustá-las, adaptá-las, corrigi-las e, no limite, substituí-las (SANCHES, 2009, p. 17).

Dessa forma, a teologia segue na busca por novos métodos e abordagens de interpretação bíblica, em diálogo com outras ciências. “[...] uma pluralidade de culturas pressupõe uma pluralidade de teologias” (BOSCH, 2014, p. 540).

O fascinante é que estas novas abordagens nascem da necessidade de se buscar na Bíblia orientações que iluminem a solução de novos problemas que surgem na sociedade de tempos em tempos. São abordagens que até então eram desconhecidas. Portanto, a necessidade forja o olhar novo na Bíblia (KAEFER, 2014, p. 131).

A teologia e a igreja cristã, ao se comprometer na busca por uma interpretação bíblica equilibrada e sensível da realidade ao seu redor, reafirma a sua identidade e vocação. “A fé cristã precisa ser pensada, reformulada e revivida em cada cultura humana” (BOSCH, 2014, p. 540). A ética cristã, decorrente da interpretação da Escritura, se ocupa com o testemunho público da fé, na ação misericordiosa e transformadora de Deus no mundo. Não se coloca como uma verdade absoluta e impositiva, mas como uma boa notícia que promove a vida e a dignidade da pessoa humana.

Esse é o desafio que o pensamento decolonial e pós-colonial lança à teologia, em especial no contexto sul global. O pensamento decolonial e pós-colonial reivindicam uma ruptura epistemológica em relação as teologias tradicionais, em que o ponto fundamental da teologia não está na busca pela ortodoxia, mas no estabelecimento de uma ortopraxia.

[...] objetiva transformar a história humana, redimindo-a mediante um conhecimento nascido de um amor capacitador do sujeito e doador de vida, que acaba com os preconceitos que, desnecessariamente, vitimam milhões de nossos irmãos e irmãs. *Vox victimarum vox Dei*. Os clamores das vítimas são a voz de Deus. Na medida em que não se ouvem esses clamores devido a nossas celebrações ou contendas políticas, culturais, econômicas, sociais e eclesiais, já iniciamos um descenso ao inferno (LAMB *apud* BOSCH, 2014, p. 507).

4. Considerações finais

A igreja cristã vive da Escritura e aponta para a Escritura. O agir e o testemunho da igreja dependem da interpretação e aplicação que ela faz da Escritura. A igreja cristã conviveu, ao longo de sua história, com abusos e erros graves, cometidos por ela mesma, ao interpretar, de maneira equivocada, a Escritura. Ao mesmo tempo, ela sofreu perseguição e foi duramente

criticada quando não negociou ou se submeteu aos interesses que feriam o cerne da mensagem bíblica.

Uma teologia que promove uma interpretação sóbria da Escritura conscientiza a igreja de que a fé cristã não é uma verdade impositiva, mas que convida à adesão pela fé. A hermenêutica, enquanto ferramenta a serviço da teologia e do testemunho da fé cristã, deve contribuir no processo permanente de pensar a interpretação e atualização da mensagem bíblica, diante dos desafios de um mundo em constante transformação. A teologia não deve viver à margem da sociedade, ou fechada em si mesma, mas deve assumir uma participação ativa, ética e propositiva no meio em que está inserida.

A modernidade trouxe muitos desafios para a teologia e o debate sobre hermenêutica bíblica. Apesar da tensão de ambos os lados num primeiro momento, pessoas se dedicaram à reflexão teológica e não mediram esforços para promover a aproximação e o diálogo. O debate sobre uma hermenêutica bíblico-teológica teve um papel importante no processo.

Por fim, vivemos em um período que oferece desafios e oportunidades para a teologia e para a interpretação bíblica. Por um lado, percebe-se cada vez mais a legitimação das ciências humanas, e aqui situamos a teologia, juntamente com outras áreas do conhecimento como participantes ativas na construção da sociedade contemporânea. A teologia não pode incorrer no erro de se fechar em si mesma, adotando uma postura fundamentalista, autoritária e exclusivista. A fé cristã, por meio do processo constante da reflexão teológica, deve contribuir com a construção do conhecimento, ser ouvida e ter uma postura relevante ao momento histórico atual. Para tanto, ela precisa estar aberta ao diálogo. A postura dialogal é extremamente importante em tempos de polarização, extremismos, radicalização, de rejeição e cerceamento do direito ao contraditório. A teologia não precisa renunciar a Escritura para ser relevante, mas é desafiada a contextualizá-la.

Nesse sentido, fazer teologia em nossos dias implica em refletir sobre a maneira apropriada de interpretar e apresentar a mensagem da Escritura, centrada no Evangelho de Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, atentar para as grandes transformações pelas quais o mundo está passando. A interpretação bíblica precisa apresentar uma mensagem que reverbere na atuação da igreja cristã como um todo, produzindo uma postura ética, responsável, que busca a justiça para todas e todos e que seja solidária. Esse é o desafio que o nosso tempo impõe.

Referências

BOSCH, David. *Missão Transformadora: Mudanças de paradigma na teologia da missão*. Tradução de Geraldo Korndörfer e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Est; Sinodal, 2014.

BRAATEN, Carl E. Prolegômenos à dogmática cristã. In: BRAATEN, Carl E.; JESON, Robert W. (EE.). *Dogmática cristã*. Tradução de Luís M. Sander et al. São Leopoldo: Sinodal; IEPG, 2002. v. 2, p. 29-94.

BRAKEMEIER, Gottfried. *A autoridade da Bíblia: Controvérsias – significado – fundamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

BRAKEMEIER, Gottfried. *Ciência ou religião: quem vai conduzir a história?: A urgência de um novo pacto*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

DREHER, Martin N. *A Igreja no Império Romano*. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

DREHER, Martin N. *A Igreja no mundo medieval*. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

FIOROT, Juliana Bardella. Considerações acerca do conceito de “Religiosidade Popular” na Alta Idade Média. *Revista Mundo Antigo*, [S.l.], v. 5, n. 10, p. 23-41, jun. 2016. Disponível em: <http://www.nehmaat.uff.br/revista/2016-1/artigo01-2016-1.pdf>. Acesso em 22 de jun. de 2022.

GOHEEN, Michael W. *A Igreja Missional na Bíblia: Luz para as nações*. Tradução de Ingrid Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2014.

GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G. *Introdução à Cosmovisão Cristã: Vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea*. Tradução de Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2016.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. Fé cristã e ciência na Era Contemporânea. *Reflexão*. Campinas, v. 40, n. 2, p. 193-209, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/3297>. Acesso em 03 de jun. de 2022.

GRONDIN, Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica*. Tradução de Benno Dischinger. São Leopoldo: Unisinos, 1999.

HÄGGLUND Bengt. *História da teologia*. 6ª edição. Tradução de Mário L. Rehfeldt e Gládis Knak Rehfeldt. Porto Alegre: Concórdia, 1999.

HEFNER, Philip J. A igreja. In: BRAATEN, Carl E., JENSON, Robert W. (EE.). *Dogmática cristã*. Tradução de Luís M. Sander, Gerrit Delfstra, Luís H. Dreher e Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal; IEPG, 2002. v. 2, p. 195-253.

KAEFER, José Ademar. Hermenêutica bíblica: refazendo caminhos. *Estudos de Religião*, [S.l.] v. 28, n. 1, p. 115-134, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/4777/4248>. Acesso em 22 de jun. de 2022.

KAUFMANN, Thomas et al. *História ecumênica da Igreja 2: da alta Idade Média até o início da Idade Moderna*. São Paulo: Loyola, Paulus; São Leopoldo: Sinodal, 2014.

KÖRTNER, Ulrich H. J. *Introdução à hermenêutica teológica*. Tradução de Tradução de Paul Tornquist. São Leopoldo: Sinodal; IEPG, 2009.

LAUTER Gabriel Giroto. Os desafios da hermenêutica na pós-modernidade: um estudo introdutório sobre o pós-modernismo e sua influência na interpretação bíblica. *Revista Batista Pioneira*, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 261-276, dez. 2014. Disponível em: <http://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/rbp/article/view/60>. Acesso em 25 de maio de 2022.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas: UNICAMP, 1996.

MARTINZES, José M. *Hermenêutica bíblica*. Barcelona: CLIE, 1984.

NEWBIGGIN, Lesslie. *O Evangelho em uma sociedade pluralista*. Tradução de Valéria Lamim Delgado Fernandes. Viçosa: Ultimato, 2016.

OSBORNE, Grant R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. Tradução de Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes e Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009.

SANCHES, Sidney de Moraes. A contextualização da teologia: conceitos, história, tensões, métodos e possibilidades. *Revista Tecer*. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 1-20, nov. 2009. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-izabela/index.php/tec/article/download/177/253>. Acesso em: 02 de jun. de 2022.

SCHÜLER, Arnaldo. *Dicionário enciclopédico de teologia*. Canoas: Ulbra, 2002.
SCHÜRGER, Wolfgang. Teologia e Pós-Modernidade: Encontros e Desencontros. *Revista de estudos e pesquisa da religião*. Juiz de Fora, v. 2, n. 2, p. 29-63, [s.d.]. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21736/11804>. Acesso em 03 de jun. de 2022.

TILLICH, Paul. *História do pensamento cristão*. Tradução de Jaci Maraschin. São Paulo: Aste, 1988.

VIRKLER, Henry A. *Hermenêutica avançada: Princípios e processos de interpretação bíblica*. Tradução de Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Vida, 1987.

Los desafíos de la interpretación bíblica en un mundo en constante transformación

Resumen

La interpretación bíblica tiene un papel central en la tradición cristiana. El hecho de interpretar determina el testimonio y la manera de como la iglesia cristiana interactúa en el mundo. El objetivo de este artículo es presentar una descripción histórica acerca del desarrollo de la interpretación bíblica en un mundo en constante transformación. El estudio fue desarrollado basado en análisis de documentos, libros y artículos que tratan del tema de la hermenéutica bíblica-teológica de diferentes periodos de la historia de la iglesia cristiana, destacando aspectos importantes para la reflexión de la iglesia con su tiempo y contexto. Esta reseña busca identificar cómo cuestiones culturales, sociales, científicas y filosóficas influyen la manera de como la iglesia lee o interpreta la Escritura. La reflexión y el desarrollo de métodos de interpretación bíblica obtienen relevancia y reciben atención aún mayor en el ámbito teológico en medio a los desafíos puestos por la modernidad y por lo científico. Los resultados apuntan que, a partir de este contexto, la hermenéutica bíblica-teológica se ocupa, fundamentalmente, con el esfuerzo en establecer la apropiada relación entre la persona autor, el texto bíblico y el intérprete. Entender esta relación es el desafío que se impone en la teología y en la propia Iglesia Cristiana.

Palabras-clave: Escritura; Hermenéutica; Interpretación; Iglesia; Modernidad.

Les défis de L'interprétation biblique dans un monde en constante transformation

Resumé

L'interprétation biblique joue un rôle central dans la tradition chrétienne. L'action interprétative détermine le témoignage et la façon d'interaction de l'Église chrétienne dans le monde. Le but de cet article est de présenter une description historique sur le développement de l'interprétation biblique dans un monde en constante transformation. L'approche a été élaborée en consultant des documents, des livres et des articles, qui traitent du thème de l'herméneutique biblique théologique en différents moments de l'histoire de l'Église chrétienne. Il souligne des aspects pertinents pour la réflexion sur l'interprétation biblique et les impacts pour la relation de l'Église avec son temps et son contexte. Cette analyse vise à identifier comment les questions culturelles, sociales, scientifiques et philosophiques influencent la manière dont l'Église lit et interprète les Écritures. La réflexion et le développement des méthodes d'interprétation biblique gagnent en pertinence et font l'objet d'une attention encore plus grande dans la sphère théologique face aux défis imposés par la modernité et le Scientisme. Les résultats indiquent que, dans ce contexte, l'herméneutique biblique théologique est fondamentalement engagée dans l'effort d'établir une relation appropriée entre l'auteur, le texte biblique et l'interprète. Comprendre cette relation est le défi de la théologie et de l'Église chrétienne, elle-même.

Mots-clés: Écriture; Herméneutique; Interprétation; Église; Modernité.

The challenges of biblical interpretation in a constantly changing world

Abstract

Biblical interpretation plays a central role in the Christian tradition. Interpretive action determines the witness and the way the Christian Church interacts in the world. The purpose of this article is to present a historical account of the development of biblical interpretation in a changing world. It develops the approach by consulting documents, books and articles, which address the theme of biblical-theological hermeneutics at different moments in the history of the Christian Church. It highlights relevant aspects for reflection on biblical interpretation and the impacts for the relationship of the Church with its time and context. This analysis aims to identify how cultural, social, scientific, and philosophical issues influence the way the Church reads and interprets Scripture. The reflection and development of methods of Biblical interpretation gain relevance and receive even greater attention in the theological sphere, amidst the challenges imposed by modernity and

scientism. The results indicate that, from this context, biblical-theological hermeneutics engages fundamentally in the effort to establish the appropriate relationship among the author, the biblical text, and the interpreter. Understanding this relationship is the challenge to theology and to the Christian Church itself.

Keywords: Scripture; Hermeneutic; Interpretation; Church; Modernity.